



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Da desconexão à conexão nos ambientes digitais: acenos teológico-pastorais do Papa Francisco para a evangelização da cultura digital

From disconnection to connection in digital environments: Pope Francis' theological-pastoral gestures for the evangelization of digital culture

De la desconexión a la conexión en entornos digitales: los gestos teológico-pastorales del Papa Francisco para la evangelización de la cultura digital

Marcos Morais

Bejarano¹

orcid.org/0000-0002-8759-3675
marcosmbejarano@gmail.com

Chrystiano Gomes

Ferraz¹

orcid.org/0000-0002-0140-5996
chrysferraz@hotmail.com

Recebido em: 25/04/2021.

Aprovado em: 16/08/2021.

Publicado em: 07/10/2021.

Resumo: As tecnologias de informação e comunicação (TICs) revolucionaram o mundo e o nosso estilo de vida nas últimas décadas. Elas aproximaram pessoas, países e culturas. Por um lado, democratizaram o acesso à informação e à conexão entre seres humanos distantes fisicamente. Por outro, provocaram mudanças estruturais na cultura e na civilização. Velocidade, interatividade e inovação constante são características do nosso tempo. Muitos saúdam essa revolução como uma oportunidade para a solução de vários dilemas da humanidade. Outros, porém, apontam para alguns aspectos mais problemáticos, como a superficialidade das relações construídas nas redes e a exacerbação da cultura do consumo. Diante disso tudo está o ser humano, com as suas questões perenes, como por exemplo, a necessidade de dar sentido à experiência universal do sofrimento. A partir disso, perguntamos: as redes digitais podem ser espaço para o anúncio e o testemunho do Deus que salva o ser humano do mal? Pretendemos tecer essa investigação tendo como referencial teológico o pensamento e a prática evangelizadora do Papa Francisco.

Palavras-chave: Cultura do Encontro. Cultura digital. Papa Francisco. Teologia Pastoral.

Abstract: Information and communication technologies (ICT) have revolutionized the world and our lifestyle in recent decades. They brought people, countries, and cultures together. On the one hand, they democratized access to information and shortened the physical distance between humans. On the other hand, they caused structural changes in culture and civilization. Speed, interactivity, and constant innovation are characteristics of our time. Many see this revolution as an opportunity to resolve many of humanity's dilemmas. Others, however, point to some more problematic aspects, such as the superficiality of the relationships built in the networks and the exacerbation of the consumer culture. Faced with this context is the human being, with your perennial issues, such as the need to make sense of the universal experience of suffering. From this, we ask: can digital networks be a space for the announcement and testimony of the God who saves human beings from evil? We intend to weave this investigation based on the theological framework of Pope Francis' thought and evangelizing practice.

Keywords: Culture of Encounter. Digital culture. Pope Francis. Pastoral Theology.

Resumen: Las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) han revolucionado el mundo y nuestro estilo de vida en las últimas décadas. Unieron personas, países y culturas. Por un lado, democratizaron el acceso a la información y la conexión entre seres humanos físicamente distantes. Por otro lado, provocaron cambios estructurales en la cultura y la civilización. Velocidad, interactividad e innovación constante son características de nuestro tiempo. Muchos acogen esta revolución como una oportunidad para resolver los muchos dilemas de



la humanidad. Otros, sin embargo, señalan algunos aspectos más problemáticos, como la superficialidad de las relaciones construidas en redes y la exacerbación de la cultura de consumo. Ante todo esto está el ser humano, con sus perennes interrogantes, como la necesidad de dar sentido a la experiencia universal del sufrimiento. A partir de ahí nos preguntamos: ¿pueden las redes digitales ser un espacio para el anuncio y testimonio del Dios que salva al ser humano del mal? Pretendemos tejer esta investigación teniendo como referencia teológica el pensamiento y la práctica evangelizadora del Papa Francisco.

Palabras clave: Cultura del Encuentro. Cultura digital. Papa Francisco. Teología pastoral.

Introdução

Vivemos em um mundo conectado. Desde o surgimento da *internet* – final dos anos 1960, início dos anos 1970 – estamos cada vez mais mergulhados no processo de *mundialização*, o que significa dizer que “o mundo está se fazendo uno, que todos os elementos e dimensões das sociedades do planeta estão se inter-relacionando e se fazendo mutuamente dependentes” (VIGIL, 2016, p. 26). Somos uma sociedade em rede (CASTELLS, 2004, p. 3-45), na qual as relações – econômicas, políticas, sociais etc. – em grande parte são mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Tornamo-nos uma verdadeira *Aldeia global*, como sinalizava Herbert Marshall McLuhan já nos anos 1960 do século passado (MCLUHAN, 1962, p. 21, 31).

O mundo globalizado está cada vez mais nos colocando em contato, não somente de maneira virtual, mas também fisicamente, principalmente pela evolução tecnológica dos meios de transporte, reduzindo o tempo gasto anteriormente para cruzar os mares, visitar parentes e amigos, conhecer novos lugares e receber mercadorias. Virtualmente, podemos “estar” em outros lugares sem sair da nossa própria casa. Agora a vida humana acontece em mais de um ambiente. O grande fluxo de informações nos coloca – em tempo real – a par das situações que estão acontecendo em outros países e continentes. O acesso ao conhecimento nos foi facilitado, bastam alguns cliques.

Somados a esta nova experiência social, principalmente nas redes urbanas, estamos envolvidos pela *liquidez* fugaz do nosso tempo (BAUMAN, 2001), sempre em movimento acelerado, tentan-

do “ganhar” a vida, procurando corresponder às exigências do sistema socioeconômico vigente. Há um domínio da lógica de mercado e da obsessão pelo consumo. Os meios de comunicação, responsáveis pela disseminação desse fluxo intenso de informações, acabam nos influenciando sobremaneira, muitas vezes, ditando nossos modos de viver. As propagandas nos sugerem o que comer ou vestir, onde morar, enfim, estamos envolvidos por uma nova cultura global.

A Cultura Digital pode ser retratada pelo cenário narrado até aqui, cultura originária e/ou geradora das novas tecnologias digitais, sustentada pelas TICs e pela *internetwork*, com suas muitas linguagens e ferramentas. Essa nova cultura produziu novos espaços de coexistência, trouxe inovações nos campos da comunicação, da informação e das interações – entre os seres humanos, com o conhecimento e com o mundo que nos cerca. Há certo otimismo por parte de alguns em relação aos avanços e desenvolvimentos tecnológicos, que conferiram mais domínio ao homem sobre o universo, aumentando a possibilidade do avanço do conhecimento humano, de vitória sobre as grandes pragas da humanidade, de superação da fome e escassez de recursos. Trata-se de expectativas ainda não concretizadas. De qualquer forma, as benesses são notórias, vide os avanços na área da medicina.

Por outro lado, porém, a alta expectativa de um desenvolvimento e progresso social está sob suspeita. Mesmo com todos os avanços tecnológicos e poderio adquirido pelo ser humano ao longo dos séculos, vivemos uma grande crise socioecológica, consequência de uma profunda crise antropológica, como diz o papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si* (LS 101). Essa crise afeta a todos, principalmente os mais vulneráveis da sociedade (LS 52). O cenário de sofrimento que se apresenta em toda parte do globo terrestre depõe contra nossos estilos de vida, incluindo a maneira como utilizamos as tecnologias.

Diante desta complexa realidade de conexão, desconexão e sofrimento, pensando nos novos ambientes de coexistência humana e nas possibilidades de interação social geradas pelas novas

tecnologias da informação e da comunicação, surgem as perguntas: há lugar para Deus no Mundo Digital? Há espaço para o Evangelho no ambiente digital? Qual postura devemos adotar nas *redes* para expressarmos o amor de Deus pela humanidade assolada pelo mal? Qual é o papel da Igreja de Cristo em face aos desafios da Cultura Digital?

Nosso objetivo, portanto, é verificar se a Cultura Digital – com a ambiguidade própria de toda a cultura – tem servido para dar respostas ao velho problema do sofrimento e do mal que assola a humanidade desde os seus albores, ou se pelo contrário, tem contribuído ainda mais para agravar esse problema. A partir da perspectiva propriamente teológica, desejamos investigar de que maneira é possível, nesse ambiente e nessa cultura, continuar anunciando e testemunhando a Revelação cristã de um Deus que está ao lado do ser humano na luta contra o mal. Para atingirmos esse objetivo, pretendemos ter como referência principal alguns pronunciamentos do Papa Francisco, ícone de um cristianismo interessado em evangelizar a cultura atual a partir da recuperação do rosto de um Deus que é puro amor e misericórdia.

Em nosso caminho de pesquisa, seguiremos o método teológico indutivo, mais popularmente conhecido como Ver-Julgar-Agir. Inicialmente faremos uma breve análise a respeito do mundo digital no que tange à dinâmica dos encontros e dos desencontros por ele proporcionado. Em seguida, introduziremos o discernimento teológico sobre o problema do mal na atualidade. Nesse ponto, a palavra do Papa Francisco, que já terá aparecido na primeira seção, tornar-se-á o centro da reflexão. E, por fim, desejamos oferecer o conceito de Cultura do Encontro, tão caro ao pontífice argentino, como pista que favoreça o testemunho da presença do Deus misericordioso no ambiente e cultura digitais.

1 O ambiente digital como lugar de (des)conexão e (des)encontro

Vivemos em um mundo desconectado. Nesta afirmação está contida a ambiguidade do mundo digital. Temos o colapso causado pela pandemia do novo coronavírus como exemplo dessa ambi-

guidade. A pandemia tornou ainda mais evidente a fragilidade das relações e da condição humana, escancarou nossos problemas políticos e sociais, ao mesmo tempo que atestou que estamos de fato globalmente conectados, de como eventos que ocorrem em locais tão distantes de nós podem rapidamente nos afetar. A crise gerada pela COVID-19 provou, paradoxalmente, que também na sociedade conectada reside nossos desencontros, nossas desconexões. Estamos interligados, mas ainda não estamos em harmonia: nos falta a consciência de que somos *familia humana* (LS 52).

O *mito digital*, que desde o Iluminismo vem sendo recriado, encontrou no *ciberespaço* uma das suas versões mais atuais (ALMIRÓN; JARQUE, 2008, p. 19). Este discurso hegemônico *tecnológico-determinista* e utópico vem afirmando que “uma tecnologia cada vez mais barata, acessível, fácil de usar, rápida, poderosa e cada vez mais miniaturizada oferece para realizar, com um impacto aparentemente mínimo no meio ambiente, todos os nossos grandes sonhos de igualdade, liberdade e fraternidade no mundo” (ALMIRÓN; JARQUE, 2008, p. 19).

Tal concepção só pode ser crível em nossos dias se dispensarmos os fatos historicamente demonstráveis em relação aos tantos meios de comunicação anteriormente utilizados. Do telégrafo à televisão a cabo, todos falharam nas “promessas” de transformação positiva das relações humanas, mesmas “promessas” que hoje recaem sobre a *internet* e o *ciberespaço* (ALMIRÓN; JARQUE, 2008, p. 17).

Junto com as novas possibilidades de interação humana no mundo digital, vieram novas formas de exclusão e outras comorbidades psicológicas e emocionais. Alguns estudos apontam que distúrbios mentais e doenças psicológicas podem ser geradas pelo uso exagerado da *internet* e das redes sociais (MOROMIZATO, 2017, p. 497-504; KUSS; GRIFFITHS, 2011, p. 3528-3552). Aqueles que não têm acesso aos meios de comunicação social – pelos mais diversos motivos, principalmente, pelo baixo poder aquisitivo – correm o risco de exclusão. Simultaneamente, há aqueles que podem ser considerados como viciados em *cyber-relações* (*cyber-relationship addiction*), pes-

soas que usam excessivamente *Social Networking Sites* (SNSs) – Sites de Redes Sociais – podendo desenvolver desordens comportamentais, tais como negligência da vida pessoal, desassossego mental, escapismo, variações de humor repentinas, intolerância (KUSS; GRIFFITHS, 2011, p. 3529).

O Papa Francisco, em seu discurso para o Dia Mundial das Comunicações Sociais,² em 2014, nos alertou para outro perigo acarretado por essa paradoxal relação mediada: “o ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós” (FRANCISCO, [2014]). Quando absorvidas pela realidade digital, as relações humanas podem ser falseadas, formando assim uma grande rede composta por uma multidão de solitários.

Outro perigo está na lógica consumista que tomou conta da mentalidade social hodierna, que transformou as pessoas e as relações interpessoais em mercadorias, como assinalava o sociólogo Zygmunt Bauman no início deste século:

Consideradas defeituosas ou não “plenamente satisfatórias”, as mercadorias podem ser trocadas por outras, as quais se espera que agradem mais, mesmo que não haja um serviço de atendimento ao cliente e que a transação não inclua a garantia de devolução do dinheiro. Mas, ainda que cumpram o que delas se espera, não se imagina que permaneçam em uso por muito tempo. Afinal, automóveis, computadores ou telefones celulares perfeitamente usáveis, em bom estado e em condições de funcionamento satisfatórias são considerados, sem remorso, como um monte de lixo no instante em que “novas e aperfeiçoadas versões” aparecem nas lojas e se tornam o assunto do momento. Alguma razão para que as parcerias sejam consideradas uma exceção à regra? (BAUMAN, 2004, p. 14).

Na nossa sociedade consumista e hedonista há sempre a possibilidade de descartar aquilo que não nos traz mais tanto prazer e, sem remorso, sair em busca do próximo objeto de prazer momentâneo e de curta duração. Nesta dinâmica, as relações – assim como os objetos

de consumo – não são construídas para durar. Tudo se converte rapidamente em lixo nessa *cultura do descarte* (LS 22).

As redes sociais instrumentalizaram as *relações líquidas*: relações sem vínculo, com baixo compromisso, facilmente descartáveis. Com a mesma facilidade fazemos e desfazemos uma “amizade”, basta um clique para deletá-las (BAUMAN, 2004, p. 8). O Papa Francisco, em sua Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, expõe essa situação que oferece grandes riscos às relações humanas, principalmente quando “creem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente” (AL 39).

As modalidades de violência já presentes no seio humano e na sociedade são facilmente transportadas para as redes sociais, precisando apenas de uma adaptação ou outra. Os radicalismos, os fundamentalismos, as intolerâncias, os preconceitos, o racismo e toda sorte de atitudes que atentam contra os direitos fundamentais dos seres humanos, são hoje encontrados nas redes sociais. Há ainda um agravante no ambiente digital. Ainda que as tentativas de coibir os crimes virtuais encontrem-se em constante desenvolvimento, por vezes, a possibilidade do anonimato encoraja os infratores a desferirem seus golpes de ódio.

Essa cultura de ódio nas redes sociais oferece grande risco à coexistência de liberdades individuais. Há notória polarização das opiniões, um clima de rivalidade entre os discordantes. Quando as partes assumem posturas violentas, buscam eliminar os outros, o diferente. Tal atitude homogeneizadora é um atentado contra todos, contra o direito de ser, fere a beleza da diversidade humana. O Papa Francisco condena essas novas modalidades de violência, muito presentes nas redes sociais: *cyberbullying* (FRANCISCO, 2019), linchamentos diários (FRANCISCO, 2020a), *fake News* (FRANCISCO, 2018) etc.

Tendo presente todos esses aspectos, concluímos que o ambiente digital, como verdadeiro

² O Dia Mundial das Comunicações foi criado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) através do decreto *Inter Mirifica*, visando fomentar na Igreja Católica a oração e o interesse pela comunicação, bem como favorecer o sustento das iniciativas da Igreja nesse campo. O papa Paulo VI começou a comemorá-lo em 1967, o que vem ocorrendo ininterruptamente desde então, sempre no domingo em que se celebra a solenidade litúrgica da Ascensão do Senhor. A cada ano, uma mensagem papal procura dinamizar a reflexão em torno desse dia.

ambiente vital, nos apresenta as contradições próprias da vida humana, frequentemente potencializando-as. Por um lado, a hiperconexão proporcionada pelas TICs é reflexo do anelo de comunhão e de fraternidade presente no coração humano. Trata-se de um desejo experimentado como promessa de resposta para a nossa condição de seres, ao mesmo tempo, sedentos de transcendência e marcados pela contingência, pois "as redes sociais são alimentadas por aspirações radicadas no coração do homem" (BENTO XVI, 2013). Por outro lado, porém, constatamos com preocupação, que funcionando frequentemente como suporte da lógica meramente mercadológica e consumista, a cultura digital estabelece entre as pessoas isolamento, competição e, não raramente, desencontro e ódio.

Sendo assim, saudado por muitos como possibilidade de expansão do potencial humano, o ambiente digital, acaba, por vezes, se tornando veículo de produção de mais e maiores sofrimentos. A constatação de que esse ambiente tem sido instrumento produtor de conflitos e até mesmo de doenças psíquicas, bem como de polarização social, nos leva a revisitar a pergunta sobre a possibilidade de que ele possa se constituir em janela para a experiência do Deus Amor que salva o ser humano marcado pela experiência do mal. Constituído como verdadeira *prótese*, ou seja, como uma extensão do próprio ser humano capaz de expandir e transformar a sua experiência de vida, o mundo da comunicação digital é configurador de comportamentos, de mentalidades e, até mesmo, de uma nova antropologia que afeta o habitante do mundo digital por inteiro, e não apenas uma parte dele (SODRE, 2018, p. 21). Dessa forma, torna-se tarefa inglória evangelizar a cultura atual sem que essa evangelização inclua o mundo digital do qual faz parte parcela cada vez maior dos homens e mulheres do nosso tempo. Mesmo que seja tarefa desafiadora, trata-se de ofício inadiável.

Antes, porém, de colocarmos as condições e possibilidades de uma experiência do Deus salvador no ambiente e na cultura digitais, devemos nos perguntar qual é a imagem de Deus que que-

remos e devemos anunciar nesse novo mundo e qual é a proposta de salvação frente ao problema do mal que esse Deus tem a oferecer. Para isso, recorreremos mais uma vez ao Papa Francisco, defensor de uma Igreja em saída, disponível para ir ao encontro das pessoas lá onde elas estiverem, mesmo que estejam nas periferias físicas, existenciais, e porque não dizer também, digitais.

2 O Papa Francisco diante do sofrimento e do mal: silêncio e Palavra

Como vimos, a cultura digital é a cultura da velocidade. Ou dito em outros termos: é a cultura da palavra pronunciada com velocidade e em profusão. É, também, a cultura da instantaneidade da imagem. Por isso, com frequência, não sobra nela espaço para o silêncio e para a reflexão em meio ao ritmo frenético do trânsito de dados, imagens e sensações que as redes proporcionam. O problema é que os processos humanos não obedecem a essa lógica. O papa emérito Bento XVI já dizia, por ocasião de uma das suas últimas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações (2012), que o processo de comunicação, para ser autenticamente humano, precisa combinar palavra e silêncio, pois só assim é possível "um diálogo autêntico e uma união profunda entre as pessoas" (BENTO XVI, [2012]).

A partir disso, constatamos que as realidades que exigem maior profundidade, como por exemplo, a aquisição de sabedoria em relação aos grandes temas ligados ao sentido da vida, seguem uma temporalidade diferente daquela normalmente verificada no ambiente digital. Sobre isso, afirma o filósofo Byung-Chul Han:

o saber não está simplesmente disponível. Não se pode simplesmente encontrá-lo com a informação. Não raramente, uma longa experiência o antecede. Ele tem uma temporalidade completamente diferente do que é a informação, que é muito curta e de curto prazo (HAN, 2018, p. 75).

Se tal constatação vale para todos os temas que exigem profundidade e amadurecimento, certamente ela é ainda mais pertinente quando o assunto é o absurdo do sofrimento humano e da

presença do mal no mundo. Como nos diz Juan Antônio Estrada, o mal é tudo aquilo que “aparece como um absurdo, como algo que se opõe à racionalização do mundo e do homem” (ESTRADA, 2004, p. 9). Portanto, diante de tão grande mistério e de tão grande desafio, a resposta deve ser humilde e cuidadosa, e antes mesmo da pressa para dizer alguma palavra, é necessário saber se aproximar do tema através do silêncio.

É o que nos apresenta o Papa Francisco, com a sua conhecida sensibilidade para com os pobres e os descartados da sociedade, e sua solidariedade junto aos que experimentam toda a sorte de sofrimentos e precariedade. Em janeiro de 2015, Francisco esteve nas Filipinas, ocasião na qual visitou a cidade de Tacloban, que 14 meses antes havia sido impactada por um terrível tufão que vitimou milhares de pessoas, dentre mortos e desabrigados. Deixando de lado o texto escrito preparado para a ocasião, o pontífice fez a homilia de improviso, confessando que desde que soube daquela tragédia, provocada pelo evento climático, sentiu a necessidade de estar ali com eles.

E ao fazê-lo, Francisco se expressa surpreendentemente assim: “eu sei apenas permanecer em silêncio, acompanho-vos com o meu coração em silêncio...” (FRANCISCO, 2015). Sem explicações para a inevitável pergunta – por quê? – a única resposta que Francisco consegue balbuciar é no sentido de conduzir o olhar dos interlocutores para a pessoa de Jesus. Utilizando-se do texto bíblico da carta aos Hebreus, em cujo fragmento proclamado na missa podia se ler que “não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15), Francisco lembra que Jesus Cristo não decepciona aqueles que sofrem, pois, tendo assumido a nossa condição humana, é capaz de estar ao lado de todos aqueles e aquelas que estendem para ele os braços em busca de socorro e consolo.

A mesma atitude – rápido na expressão de solidariedade, cuidadoso nas explicações eivadas de palavras teóricas – Francisco adotou ao final da mesma viagem, na capital filipina, Manilla.

Em um encontro com os jovens, em 2015, uma participante lhe pergunta: “por que sofrem as crianças?” Francisco responde: “o núcleo da tua pergunta quase não tem resposta”. Em seguida, o pontífice complementa: “precisamente quando o coração consegue pôr a si mesmo a pergunta e chorar, então podemos compreender qualquer coisa” (FRANCISCO, 2015). Assim, segundo Francisco, antes de qualquer coisa, é preciso fazer como Jesus: silenciar para chorar com os que choram e, em seguida, colocar-se ao lado deles na luta contra o mal. Fazer tudo o que está ao alcance da mão, da mente e do coração para ir ao encontro dos que sofrem. Assim fez Jesus no mistério da Encarnação, vindo ao encontro da humanidade sofredora.

No texto programático do seu pontificado, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho), Francisco também não demonstra preocupação em especular sobre as origens metafísicas do Mal, mas não se furta do trabalho de descrever algumas de suas manifestações na sociedade contemporânea. Fala, também, das estruturas sociais e econômicas que favorecem o seu aprofundamento, a ponto do mal se tornar estrutural: “o mal consentido, que é a injustiça, tende a expandir a sua força nociva e a minar, silenciosamente, as bases de qualquer sistema político e social [...]. É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor” (EG 59).

Esse mal estrutural é hoje caracterizado por uma sociedade baseada unicamente nas leis de mercado e no consumo, onde o modelo de relações competitivas se torna referência para todos os aspectos da vida humana. Se, por um lado, essa organização social favoreceu o crescimento da riqueza produzida, por outro, não favoreceu o acesso igualitário de todos aos bens da Terra, além de ter produzido uma perigosa degradação ambiental. Gera-se uma crise socioambiental que tem por fundamento “uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano” (EG 55).

A superação dessa realidade deve começar, segundo Francisco, pelo fomento de uma nova cultura que seja capaz de colocar o ser humano

no centro, o que se deve começar a fazer, mais uma vez, não pela elaboração de belas teorias, mas por atitudes concretas, pois afinal de contas, "a realidade é superior à ideia" (EG 231). Uma nova cultura, portanto, que se constrói indo ao encontro das pessoas, especialmente dos mais pobres e sofredores, abrindo-se à relação com eles, reconhecendo-os como portadores de dignidade e colaborando para sua inclusão econômica, cultural e religiosa. É a partir daí que se poderá fazer a cada pessoa experimentar o amor do Deus salvador e engajá-las na luta por estruturas menos opressoras e mais fraternas.

Francisco reconhece que as TICs podem muito bem servir como veículos para a realização dessa exigência tão premente. Afinal, elas constituem "novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos" (EG 87). Porém, ele também reconhece que pelo próprio fato de estarem no coração dos processos hodiernos, estão marcadas por suas ambiguidades. Assim, para ele, frequentemente favorecem o individualismo e o consumismo, são "fontes de novas formas de um poder muitas vezes anônimo" (EG 52), e acabam, frequentemente, gerando o efeito contrário do desejado, favorecendo o isolamento, gerando "relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos" (EG 82), quase que instaurando uma nova forma de gnosticismo expresso em relações sem carne e sem história (DUQUE, 2019, p. 299-301).

Coerente com os princípios que norteiam o seu magistério, Francisco procura superar essas tentações não apenas do ponto de vista teórico como também prático. O seu desejo de se fazer próximo da humanidade sofredora se mostrou especialmente eloquente por ocasião da pandemia de COVID-19, que abalou todo o planeta no ano de 2020. Francisco não mediu esforços para revelar o rosto terno de Jesus Cristo junto à espécie humana, perplexa e atemorizada. Um dos momentos altos dessa presença foi a bênção extraordinária dada por ele no dia 27 de março à cidade de Roma e ao mundo (*urbi et orbi*). Em uma praça de São Pedro vazia, e tendo como pano de fundo o relato evangélico da tempestade acalmada por Jesus (Mc 4,35-41), mais uma

vez, nada de explicações racionais para a origem desse e de tantos sofrimentos que acometem a humanidade. Apenas um convite a usar dessa ocasião para rever atitudes, a superar egoísmos e a confiar na pessoa de Jesus Cristo e no seu projeto. Como expressão dessa confiança renovada, a possibilidade de aproveitar a crise para abandonar "por um momento nossa ânsia de onipotência e possessão" (FRANCISCO, 2020, p. 25) e para abraçar "a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade" (FRANCISCO, 2020, p. 25).

De maneira singular, Francisco soube, nessa ocasião, aliar a paciência própria dos processos humanos da conscientização e da solidariedade à imediatez da linguagem midiática. Ao lado do seu discurso que conclamava à humanidade a aproveitar a crise do COVID-19 para uma revisão de mentalidade e de atitude, uma imagem correu o mundo: a daquele idoso, já com o corpo alquebrado pela idade e pelas doenças, debaixo de uma chuva fina, ao cair da tarde, diante de uma praça de São Pedro enorme e completamente vazia, invocando a bênção de Deus e conclamando a união da humanidade para a superação da crise. Dessa forma, convergiram a instantaneidade da linguagem digital, configurada no impacto provocado pela imagem e a construção artesanal de palavras entremeadas de silêncio que convidam a um processo de longo prazo, a serviço da proposta de uma nova humanidade e de um novo modelo de sociedade, baseados no valor da pessoa humana e da criação, e não no lucro e na lógica da eficácia mercadológica a todo custo.

Tal fato nos leva à seguinte pergunta: estaria Francisco nos dando pistas de que é possível evangelizar a cultura digital? Seria a sua proposta uma possibilidade para superar os aspectos mais problemáticos dessa cultura? Será que o mundo midiático e digital, que por um lado, promove uma interconexão da humanidade nunca vista na história, mas que por outro gera tanto sofrimento por muitas vezes não respeitar as lógicas próprias do processo comunicativo humano, pode ser lugar de encontro e não de desencontro? É essa

esperança que Francisco nos acende. Parece que nesse ambiente onde tantas palavras são ditas em uma frequência tão alta que quase as tornam descartáveis, é possível ainda trabalhar para que ecoe aquela grande Palavra que consola e salva. Essa possibilidade é sobre a qual gostaríamos agora de refletir e analisar.

3 Para uma Cultura do Encontro nos ambientes digitais

Seguindo as pistas de Francisco, proporemos agora um caminho vivencial de conexão verdadeira e transformadora nos/dos ambientes digitais. Nossa proposta segue a convicção do papa de que "não basta circular pelas 'estradas' digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro" (FRANCISCO, [2014]). Refletiremos, então, sobre a possibilidade do estabelecimento de uma Cultura do Encontro em tempos digitais, assumindo o ambiente digital como lugar legítimo onde – também – a vida real acontece.

Já em 2002, o Papa João Paulo II referia-se à *internet* como "um novo foro para a proclamação do Evangelho" (JOÃO PAULO II, [2002]). João Paulo foi o primeiro a chamar atenção da Igreja ao anunciar uma Revolução das Comunicações a partir da popularização da *internet*, um novo caminho a ser trilhado desbravado em seus perigos e promessas (AZEVEDO; FERREIRA, 2018, p. 67). Francisco assume então a continuidade dessa missão, que se desenvolveu também ao longo do exercício do pontificado do papa emérito Bento XVI.

Na sua primeira mensagem para a celebração do Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014, Francisco conduziu a sua reflexão em vista de sinalizar que as Comunicações – todos os meios que nos colocam em contato – devem estar "ao serviço de uma autêntica cultura do encontro" (FRANCISCO, [2014]). Tomaremos esta mensagem como base da nossa reflexão.

Na mensagem supracitada, Francisco não explicita conceitualmente o que seria a Cultura do Encontro, este que é um conceito *bergogliano* (MELLO, 2017, p. 721) importante para a compreensão da pastoral do papa argentino. Entretanto, a Cultura

do Encontro está nas entrelinhas do texto, implícita nas metáforas – como na interpretação da parábola bíblica do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) – e nos elementos básicos que a compõem – *proximidade*, *diálogo* e *amizade*, impulsionados pelo *encontro com Jesus Cristo*. Pensaremos brevemente em uma definição parcial do conceito e, em seguida, ampliaremos sua compreensão na exposição dos quatro pontos destacados da Cultura do Encontro.

O que é a Cultura do Encontro? O teólogo argentino Víctor Manuel Fernández descreve a Cultura do Encontro como "tudo que aproxima, une, agrega, conecta pessoas e grupos" (FERNANDÉZ, [2013]). Ele, como amigo de Bergoglio, revela que o papa é um "apaixonado pelo bem comum e pela amizade social" (FERNANDÉZ, 2013), características essas que podemos definir como objetivo da Cultura do Encontro.

Uma *cultura* não é algo superficial, é o que nos dá sentido e pertença social, algo que nasce conosco, que formamos juntos, que aprendemos, como seres relacionais. Francisco se refere à *cultura* como o "estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo" (EG 115). A cultura é visceral, está nas entranhas de um povo. Tal fato significa que a Cultura do Encontro não é uma simples ideia que mobiliza à boa ação, é constitutivo do ser, "é um novo estilo de vida que se faz junto, com todos e para todos" (FERRAZ; CARDOSO, 2020, p. 424).

Para uma melhor compreensão dessa proposta, seguiremos agora com os quatro pontos por nós destacados da Cultura do Encontro. Colocaremos os três primeiros pontos em ordem processual. O quarto ponto não corresponde à última etapa deste processo, mas está colocado em todos os momentos, como uma força motriz e guia, como critério e ideal.

Primeiramente, é a busca por *proximidade*, isso quer dizer, se fazer próximo, o movimento de sairmos de nós mesmos para ir ao encontro dos outros. Para esse movimento Francisco convocou a Igreja, um movimento de saída:

cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

O próprio Francisco pergunta: "como se manifesta a «proximidade» no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais?" (FRANCISCO, [2014]). O papa responde a essa pergunta com uma reflexão sobre a parábola bíblica do *Bom Samaritano* (Lc 10, 25-37). O samaritano na parábola se aproxima e cuida das feridas do outro, se faz semelhante, enxerga-o como filho de Deus. É preciso ter empatia e ao mesmo tempo resgatar o valor e a dignidade de cada ser humano. Sair do nosso egoísmo, partilhar nosso tempo, nossos recursos.

Precisamos tomar a iniciativa, *primeirar* esse encontro (EG 24). Na proximidade, potencializamos o poder da comunicação. Somente na proximidade criamos a ocasião para a escuta atenta, para o silêncio e para a Palavra. Não podemos perder o dinamismo da missão cristã que nos impulsiona. É necessário tomarmos a consciência da urgência desse chamado. São muitos os necessitados, feridos, os que sofrem e choram neste mundo.

O segundo ponto que destacamos da Cultura do Encontro é o *diálogo*. Isso significa mais do que se aproximar, é uma postura, a maneira e a disposição interior. O diálogo é o método e a atitude-chave para a construção da Cultura do Encontro: "A conquista de uma cultura de encontro que privilegie o diálogo como método, a busca compartilhada de consensos, acordos, o que une e não o que divide e confronta, é um caminho que devemos percorrer" (BERGOGLIO, [2010]).

O diálogo nos conecta de verdade com os outros, pois à medida que ele pressupõe abertura – para falar e ouvir – nossos mundos interiores se conectam. O entendimento e os consensos passam, necessariamente, pelo diálogo. Sem o diálogo não podemos compreender os dramas dos outros e não podemos ser compreendidos:

É preciso saber-se inserir no diálogo com os homens e mulheres de hoje, para compreen-

der os seus anseios, dúvidas, esperanças, e oferecer-lhes o Evangelho, isto é, Jesus Cristo, Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para nos libertar do pecado e da morte. O desafio requer profundidade, atenção à vida, sensibilidade espiritual (FRANCISCO, [2014]).

Sem uma atitude humilde de abertura aos outros não criaremos espaços para o Evangelho de Jesus Cristo nos ambientes virtuais. Não é pela força ou pela imposição da voz e de nossas verdades. É preciso ter humildade para reconhecer que os outros têm algo a nos ensinar. Não quer dizer que falsearemos nossas convicções para encenarmos uma harmonia forçosa. Nossas identidades, nossas tradições e ideias não devem ser negadas, "mas a pretensão de que sejam absolutas" (FRANCISCO, [2014]). No diálogo autêntico há enriquecimento mútuo.

Pela via do diálogo nos achegamos aos outros. O diálogo é, portanto, o método e a atitude que o Papa Francisco propõe para a construção de pontes que aproximem os seres humanos entre si (FERRAZ; CARDOSO, 2020, p. 424). É preciso assumir o risco, pois não o fazer já é aceitar o fracasso de nossas relações: "Hoje, ou se aposta no diálogo, na cultura do encontro, ou todos perdemos. Todos perdemos... Passa por aqui o caminho fecundo" (FRANCISCO, [2013]).

O terceiro ponto segue um movimento de conexão, de restauração e estreitamento dos laços. Depois da proximidade e do diálogo, busca-se a *amizade*. É a construção da amizade social, do amor fraterno-sororal que nos possibilita seguir caminhando juntos.

O próprio conceito de Cultura do Encontro tem uma relação direta com a amizade. Na ocasião, a Argentina vivia uma grande crise econômica e política. O país precisava se reerguer, se reencontrar. Mario Jorge Bergoglio – hoje, Papa Francisco – era arcebispo de Buenos Aires. Bergoglio acompanhou a restauração da fachada da catedral da capital argentina e estava sendo esculpido no frontispício a cena do reencontro de José do Egito com os seus irmãos (Gn 45). Aquela imagem da graça de Deus tocou Bergoglio de maneira profunda, fazendo-o recordar dos desencontros e brigas que presenciou na infância, criando em

seu coração o desejo de evitar que as pessoas brigassem entre si, que seguissem unidas, e se houvessem desentendimentos, que logo restaurassem a amizade (MELLO, 2017, p. 724).

Com o amor fraternal os conflitos são colocados de lado, a unidade prevalece. Não se trata de eliminar nossas diferenças. Somos diversos, plurais. Trata-se da solidariedade em ato, no sentido mais profundo e desafiador, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida (EG 228).

A conexão digital não basta por si só para construir pontes (FT 43), é fundamental cultivar relações amistosas. Para isso, precisamos priorizar o que nos une e não o que nos afasta, nos ajudar em nossos desafios e dramas comuns, caminhar juntos. A Cultura do Encontro objetiva a edificação da amizade social, institucional, ecumênica e inter-religiosa. Francisco é um artífice de relações amistosas.

O *encontro com Jesus Cristo* é o quarto ponto. Esse *encontro com Jesus Cristo* está diretamente relacionado com os três destaques anteriores. Aqui está a fonte, a força motriz para a construção de uma Cultura do Encontro: "somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade" (EG 8). O Evangelho propõe a "amizade com Jesus e o amor fraterno" (EG 265).

Os encontros com Jesus Cristo nas narrativas bíblicas eram sempre transformadores. Para os cristãos, o modo de agir de Jesus Cristo é a inspiração para o encontro com os outros:

Um convite a trabalhar pela "cultura do encontro" de modo simples, "como fez Jesus": não só vendo, mas olhando, não apenas ouvindo, mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas, mas detendo-se com elas, não só dizendo "que pena, pobrezinhos!" mas deixando-se arrebatado pela compaixão; "e depois aproximar-se, tocar e dizer: "Não chores" e dar pelo menos uma gota de vida" (FRANCISCO, [2016]).

Hoje, os ambientes digitais são "um dos lugares onde viver esta vocação de redescobrir a beleza da fé, a beleza do encontro com Cristo" (FRANCISCO, [2014]).

Considerações finais

Como vimos em nossa reflexão, a cultura representa a alma de um povo. Portanto, dizer que o nosso mundo globalizado é marcado pela cultura digital significa dizer que as TICs não são apenas meios ou instrumentos, mas sim produtores do nosso estilo de vida, das nossas escolhas, do nosso modo de habitar o mundo na contemporaneidade. Porém, ao mesmo tempo em que somos herdeiros da cultura, somos também criadores dela, pois, afinal, somos humanos. O Papa Francisco nos diz que "a cultura é algo dinâmico, que um povo recria constantemente" (EG 122) e citando João Paulo II lembra que "o ser humano 'é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido'" (EG 122; FR 71).

Portanto, ao descrevermos a cultura digital com determinadas características não estamos com isso afirmando um determinismo rígido, como se fossemos condenados inexoravelmente à superficialidade, ao consumismo ou ao desencontro. Abre-se para o cristianismo um novo desafio e uma nova fronteira: o desafio da inculturação do evangelho no ambiente digital. Convencidos de que a Cultura do Encontro é o caminho para uma nova sociedade, poderemos colaborar para que as pessoas imersas nesse novo ambiente redescubram que o sofrimento, as dúvidas e as angústias que elas trazem em seus corpos e em seus corações, não são convites à fuga para o efêmero e para o descartável, mas apelos para o estabelecimento de relações humanas profundas, inspiradas no Deus de misericórdia revelado em Jesus Cristo.

Assim, tendo presente a metáfora tão cara ao cristianismo da comunidade como um corpo, onde todos somos membros uns dos outros, o Papa Francisco nos lembra na mensagem do Dia Mundial das Comunicações de 2019 que, se usarmos as redes como extensão e prolongamento dos encontros de carne e osso, elas não nos desumanizarão, mas ao contrário, poderão favorecer ainda mais a solidariedade e a compaixão que amenizam nossos sofrimentos e promovem a comunhão que nos permitirá vencer o mal que nos assola cotidianamente (FRANCISCO, 2016).

Referências

ALMIRÓN, Núria; JARQUE, Josep Manuel. *El mundo digital: discursos hegemónicos sobre Internet y periodismo*. Barcelona: Digitalia, 2008.

AZEVEDO, Bonnie Moraes Manhães de; FERREIRA, Raphael da Silva. Redes sociais e religião: a Igreja Católica diante da sociedade imagética conectada. *Numen*, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 62-80, jan./jun. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BENTO XVI, PP. *Redes sociais: portais da verdade e da fé*. Mensagem do papa Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais (12 de maio de 2013). In: *Vatican*. Vaticano, 24 jan. 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html. Acesso em: 2 dez. 2020.

BENTO XVI, PP. *Silêncio e Palavra: caminho de evangelização*. Dia Mundial das Comunicações Sociais 20 de maio de 2012. São Paulo: Paulus, 2012.

BERGOGLIO, J. M. *Hacia um Bicentenario em justicia y solidaridad 2010-2016*. Nosotros como ciudadanos, Nosotros como Pueblo. In: *Pastoral Social arquidiócesis de Buenos Aires*. Buenos Aires, 2010. Disponível em: <https://www.pastoralsocialbue.org.ar/wp-content/uploads/2014/11/Nosotros-como-Ciudadanos-Nosotros-como-Pueblo.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CASTELLS, Manuel. *The network society: a cross-cultural perspective*. Massachusetts: Edward Elgar Pub, 2004.

DUQUE, João Manuel. Dal postumanesimo del virtuale all'umanesimo della vulnerabilità: piccola apologia del corporeo. In: APPEL, Kurt; DEIBL, Jakob Helmut. (org.). *Misericordia e Tenerezza: Il programma teologico di papa Francesco*. Milano: San Paolo, 2019. p. 299-310.

ESTRADA, Juan Antonio. *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004.

FERNANDÉZ, Víctor Manuel. Bergoglio a secas. *Vida Pastoral*, São Paulo, v. 318, jun. 2013. Não paginado.

FERRAZ, Chrystiano Gomes; CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. A Cultura do Encontro como chave de leitura da carta encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, 415-434, 2020.

FRANCISCO, PP. "A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz. Mensagem do Papa Francisco para o LII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2018 – "A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz. In: *Vatican*. Vaticano, 24 jan. 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20180124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. *Carta encíclica Laudato si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais. In: *Vatican*. Vaticano, 24 jan. 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. Discurso de Sua Santidade Papa Francisco à classe dirigente do Brasil, no Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, RJ, no dia 27 de julho de 2013a. In: *Vatican*. Vaticano, 27 jul. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-classe-dirigente-rio.html. Acesso em: 2 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. Encontro com os jovens no campo esportivo da universidade de São Tomás. In: *Vatican*. Vaticano, 18 jan. 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-sri-lanka-filippine-2015.html>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia – A alegria do amor: Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Santo Padre Francisco sobre o amor na família*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. Homilia do Papa Francisco "O pequeno linchamento diário da tagarelice", 28 de abril de 2020. In: *Vatican*. Vaticano, 28 abr. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200428_lave-rita-dellatestimonianza.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. Por uma cultura do encontro. Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na Capela Santa Marta, 13 de setembro de 2016. In: *Vatican*. Vaticano, 13 set. 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papafrancescocotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em: 10 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. Santa Missa junto ao aeroporto internacional de Tacloban: homilia do Santo Padre. In: *Vatican*. Vaticano, 17 jan. 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150117_srilanka-filippine-omelia-tacloban.html. Acesso em: 2 dez. 2020.

FRANCISCO, PP. "Somos membros uns dos outros" (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Mensagem do Papa Francisco para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2 de julho de 2019. In: *Vatican*. Vaticano, 24 jan. 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. *Vida após a pandemia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

HAN, Byung-Chul. *No exame*: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

JOÃO PAULO II, PP. Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho. Mensagem do Papa João Paulo II para a celebração 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 12 de maio de 2002. *In*: Vatican. Vaticano, 24 jan. 2002. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day.html. Acesso em: 30 nov. 2020.

JOÃO PAULO II, PP. *Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão*. *In*: Vatican. Vaticano, 14 set. 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 14 dez. 2020.

KUSS, D.J.; GRIFFITHS, M.D. Online social networking and addiction - a review of the psychological literature. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basileia, v. 8, n. 9, p. 3528-3552, 2011.

MCLUHAN, Marshall. *The Gutenberg Galaxy*: The Making of Typographic Man. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

MELLO, Alexandre Awi. El Papa Francisco y la cultura del encuentro. *Revista Medellín*, Bogotá, v. XLIII, n. 169, p. 721-750, Sep./Dic., 2017.

MOROMIZATO, Maira Sandes *et al.* O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Indicadores de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 497-504, dez. 2017.

SODRE, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. *In*: MORAES, Dênis de. (org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2018. p. 19-31.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*: para uma releitura pluralista do cristianismo. Tradução de Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2006.

Chrystiano Gomes Ferraz

Mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Marcos Morais Bejarano

Mestre e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Chrystiano Gomes Ferraz
Av. Gilka Machado, 950
Recreio dos Bandeirantes, 22790-570
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Marcos Morais Bejarano
Rua Professor José de Souza Herdy, 836
Jardim Vinte e Cinco de Agosto, 25071-202
Duque de Caxias, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.